

GUERRA HÍBRIDA: Discussões e Análises

CMG (FN) Marcio Pragana Patriota (EGN)
Escola de Guerra Naval
pragana@marinha.mil.br

RESUMO

Muito se fala sobre Guerra Híbrida, mas não existe um consenso sobre o que ela seja, sobre como emprega-la e tampouco sobre como se proteger contra ela. Este artigo tem a pretensão de apresentar um ponto de vista sobre o assunto, mostrando como um Estado pode empregar teorias geopolíticas e militares para, de forma indireta, atingir propósitos políticos e estratégicos. A partir das ideias apresentadas por Andrew Korybko em seu livro “*Hybrid Wars: the Indirect Adaptive Approach to Regime Change*”, podemos conhecer um pouco sobre o que se entende por Guerra Híbrida, sob o viés russo. A importância de conhecermos Guerra Híbrida reside no fato de que, caso não a conheçamos, não poderemos nos proteger efetivamente dela, estando condenados ao papel de vítimas, obrigados a estarmos sempre empenhando mais recursos e horas de trabalho em prol de combater suas consequências, ao invés de investirmos em atividades produtivas e que contribuam para o desenvolvimento nacional.

Palavras-chave: Gerasimov, Guerra Híbrida, Rússia.

ABSTRACT

Much is said about Hybrid Warfare, but there is no consensus on what it is, on how to use it neither on how to protect yourself from it. This article intends to present a view on the subject, showing how a State can employ geopolitical and military theories to, indirectly, achieve its political and strategic purposes. From the ideas promoted by Andrew Korybko in his book “*Hybrid Wars: the Indirect Adaptive Approach to Regime Change*”, we can learn a little about the vision, under the Russian bias, of what is meant by Hybrid Warfare. The importance of knowing Hybrid Warfare lies in the fact that, if we do not know about it, we will not be able to effectively protect ourselves from it, we will be condemned to the role of victims, forced to be always committing more resources and hours of work in favor of combating its consequences, instead of investing in productive activities that contribute to national development.

Keywords: Gerasimov, Hybrid Warfare, Russia

Introdução

Acredita-se que a guerra, enquanto aplicada de forma indireta, tem suas raízes mais antigas em Sun Tzu, na clássica obra “A Arte da Guerra”. O conceito de guerra indireta evoluiu, passando pelas ideias do britânico Liddell Hart, e chegando à expressão “Guerra Híbrida” conforme definida pelo Tenente-Coronel Frank G. Hoffman, do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos da América, em sua monografia intitulada “*Conflict in the 21st Century: the rise of Hybrid Wars*”, elaborada em 2007. Nesse trabalho, Hoffman menciona que a Guerra Híbrida incorpora uma gama de diferentes modos de guerra, incluindo capacidades convencionais, táticas e formações irregulares, atos terroristas com violência indiscriminada e coerção, e desordem criminal (HOFFMAN, 2017, p.8). Devido à complexidade do assunto, mesmo após 15 anos do trabalho de Hoffman, ainda não existe um consenso sobre o que é Guerra Híbrida. No Brasil, por exemplo, sequer existe definição de Guerra Híbrida no “Glossário das Forças Armadas” (BRASIL, 2017), publicado pelo Ministério da Defesa e que deve, em tese, servir de referência para alinhar os conceitos doutrinários do nível estratégico até o tático.

As discussões sobre Guerra Híbrida voltaram a ganhar força após as ações da Rússia para anexar a Criméia, em 2014. Naquele episódio, o emprego dos chamados “pequenos homens verdes” – supostas forças especiais russas, sem insígnias ou identificação militar convencional, assim como o emprego de atores armados locais, influência econômica, desinformação e exploração da polarização sociopolítica na Ucrânia, permitiram que a Rússia invadisse a península da Criméia e a anexasse, sem que houvesse combates significativos (NORTH ATLANTIC TREATY ORGANIZATION).

Por outro lado, o general Valery Gerasimov, Chefe do Estado-Maior Geral das Forças Armadas da Federação Russa e atual comandante das forças russas na Guerra da Ucrânia, escreveu um artigo, em 2013, onde mencionou o papel dos meios não militares para a consecução de objetivos políticos e estratégicos, apresentou sua visão sobre a mudança no caráter da guerra e mencionou como os Estados Unidos da América (EUA) estariam empregando conceitos relacionados à Guerra Híbrida, particularmente na Operação *Desert Storm*, em 1991, e na Operação *Iraqi Freedom*, em 2003, ambas no Iraque.

A falta do entendimento claro do que é a Guerra Híbrida, as acusações mútuas entre potências sobre a aplicação desse tipo de guerra e os estranhos fatos¹ ocorridos nos últimos anos naturalmente levaram a acaloradas discussões e extensa bibliografia sobre o assunto.

Tendo em vista a complexidade do tema e as lacunas de conhecimento existentes sobre ele, seria impossível abordar o assunto, de forma integral, em um artigo. Desta forma, selecionamos os conceitos de Guerra Híbrida voltados à mudança de regime político, conforme apresentados por Andrew Korybko em sua obra “*Hybrid Wars: the Indirect Adaptive Approach to Regime Change*”, devido ao seu caráter didático e aplicabilidade no planejamento de medidas de proteção contra a Guerra Híbrida.

Cabe ressaltar que Korybko não apresenta a forma russa de empregar a Guerra Híbrida, mas sim o modelo de Guerra Híbrida que a Rússia considera ser aplicado contra ela.

Pressupostos Teóricos, Teorias Militares e Geopolíticas

A obra de Andrew Korybko, mencionada na seção anterior, baseia-se em suas observações sobre os fatos ocorridos na Síria, em 2011; na chamada Primavera Árabe, de 2010 a 2012; e na Ucrânia, de 2013 a 2014. Ele defende a ideia de que todos esses movimentos, voltados à mudança dos respectivos governos dos Estados-alvo, seguiram um determinado padrão, a partir de interferência externa planejada. Desta forma, na concepção do autor, a Guerra Híbrida seria o emprego de uma revolução “fabricada” e de guerra não convencional para atingir um objetivo da Política Externa de quem a executa. Esse objetivo seria a mudança de um governo hostil ou desalinhado politicamente, em um Estado-alvo, para um novo governo, alinhado com o Estado que aplica a Guerra Híbrida.

Segundo ele, em linhas gerais, esse padrão seria iniciado por uma revolução, chamada Revolução Colorida. Essa revolução teria por propósito derrubar o governo, trazendo um caráter popular e legítimo ao movimento. Caso a revolução não atingisse seu propósito, a Guerra Híbrida passaria à sua segunda fase, de guerra não convencional². Nessa nova etapa, forças não convencionais seriam utilizadas para empregar violência contra as forças de segurança e forçar o colapso do governo, enquanto agiriam sob a narrativa de estarem libertando o povo de um governo opressor. A revolução colorida e a guerra não convencional seriam os dois pilares da Guerra Híbrida, sob a ótica do autor (KORYBKO, 2015).

¹ As diversas revoluções que levaram a queda de governos em países árabes e europeus, de 2000 a 2014; o misterioso derramamento de óleo no litoral brasileiro em 2019; a aparentemente desorganizada retirada das forças dos EUA do Afeganistão em 2021; a suposta explosão do oleoduto *Nord Stream*, em 2022; dentre outros.

² Qualquer tipo de força não convencional (não oficialmente militar) engajada em amplo combate assimétrico contra um adversário tradicional (KORYBKO, 2015, p. 10).

Cabe ressaltar que a teoria apresentada por Korybko se coaduna com a teoria apresentada pelo general Gerasimov durante a Terceira Conferência de Moscou sobre Segurança Internacional. Nessa conferência, ele apresentou o conceito de Abordagem Adaptável para o Emprego da Força Militar, que envolveria o emprego oculto de força militar, incluindo guerra não convencional, podendo levar à busca, ou criação, de um pretexto para iniciar uma operação militar voltada à mudança de regime político no Estado-alvo (BARTLES, 2016, p. 49).

Para chegar a suas conclusões, Korybko apresenta uma série de teorias geopolíticas e de teorias militares. As teorias geopolíticas são utilizadas para desenvolver o raciocínio sobre o que deve ser feito em termos de Guerra Híbrida, enquanto as teorias militares permitem planejar o modo como tal teoria deve ser aplicada.

Korybko explica que a evolução das teorias geopolíticas trouxe a Rússia para o centro dos interesses internacionais, particularmente após Mackinder haver apresentado sua teoria do “Pivô Geográfico da História”, em 1904, e a obra “*Democratic Ideals and Reality*”, em 1919. Segundo Mackinder, regiões da Rússia e da Ásia Central comporiam o chamado *Heartland*³, cujo domínio permitiria controlar a *World Island*⁴ da Eurásia. Também identificou a Europa oriental como portão para o *Heartland*, afirmando, em 1919, que “aquele que controlasse a Europa Oriental, controlaria o *Heartland*. Quem controlasse o *Heartland*, controlaria o *World Island*. Quem controlasse o *World Island*, controlaria o mundo” (MACKINDER, 1942, p. 106). Portanto, segundo essa teoria, controlar a Rússia seria a chave para controlar o mundo.

No período entre as duas guerras mundiais, o líder polonês Josef Pilsudski elaborou a chamada estratégia do Prometeísmo, onde defendia a ideia de que os povos não russos da União Soviética poderiam ser influenciados externamente para se rebelar contra o poder central soviético, levando aquele Estado a se fragmentar em diversas entidades étnicas que, por sua vez, poderiam ser exploradas pela Polônia. Foi o pioneiro da ideia de que a desestabilização periférica de um Estado pode se espalhar para o seu interior (KORYBKO, 2015, p.16).

A teoria de Mackinder foi utilizada por Spykman para criar o conceito de *Rimland*⁵, periférico ao *Heartland*. Saul Cohen estudou os Estados localizados no *Rimland* e percebeu que muitos deles possuíam tensões internas naturais (KORYBKO, 2015, p.17). Cohen atribuiu a essas regiões, cuja fragmentação interna poderia ser intensificada pela pressão de potências maiores, o nome de *Shatterbelts* (COHEN, 2015, p.71).

Em 1997, Brzezinski publica o livro “*The Grand Chessboard: American Primacy and its Geostrategic Imperatives*”, onde apresenta ideias de como os EUA poderiam preservar sua hegemonia global por meio de desestabilização da região chamada “Balcãs da Eurásia”. Essa região seria formada por porções do sudeste da Europa, Ásia Central e partes do sul da Ásia, a área do Golfo Pérsico e o Oriente Médio. Nessas regiões, segundo o autor, as entidades políticas seriam instáveis, representando um “caldeirão étnico” (KORYBKO, 2015, p.17-18).

O encadeamento das teorias geopolíticas ora apresentadas mostra que a Rússia estaria em uma posição geográfica privilegiada para exercer poder sobre o mundo. Por outro lado, essas mesmas teorias mostram que seria possível prejudicá-la, para que não exercesse tal poder, por meio das teorias do Prometeísmo, dos *Shatterbelts* e dos *Balcãs Eurasianos* aplicadas à sua periferia.

Em um sentido mais amplo, podemos generalizar o emprego dessas teorias, no sentido de que desestabilizar uma periferia *shatterbelt* levaria à desestabilização do Estado central,

³ “Área-Coração” (tradução nossa), identificada como centro da Eurásia e impenetrável ao poder marítimo (MACKINDER, 1942, p.54-55).

⁴ “Ilha-Mundo” (tradução nossa), que inclui os continentes africano, asiático e europeu (MACKINDER, 1942, p.45)

⁵ O *Rimland* foi identificado como o “Crescente Interior” de Mackinder, onde haveria maior potencial humano, recursos naturais e uso de vias navegáveis interiores, em oposição à importância do *Heartland* (COHEN, 2020, p.53).

pois criaria um “buraco negro geopolítico”, capaz de atrair o Estado vizinho para a desestabilização.

Para desestabilizar um Estado periférico, a fim de atingir um terceiro Estado, central, o autor apresenta algumas teorias militares que, de forma organizada, podem ser utilizadas para tal.

A primeira teoria militar é a chamada Guerra de 4ª Geração. Seu conceito teria surgido em 1989, no artigo “*The Changing Face of War: Into the Fourth Generation*”, de autoria de William Lind, no periódico *Marine Corps Gazette*. Segundo ele, a guerra do futuro seria mais fluida, descentralizada e assimétrica. Haveria presença relevante de guerra não convencional e da guerra de informação. As operações psicológicas seriam a arma dominante, com intervenções na mídia e buscando alcançar o apoio popular ao governo adversário. Nesse contexto, seria difícil distinguir os papéis desempenhados entre civis e militares (KORYBKO, 2015, p.21).

A Teoria dos Cinco Anéis, de John Warden, surgida em 1995, defende que uma força oponente depende da integridade de 5 centros de gravidade, concêntricos. Do interior para o exterior, esses centros seriam: liderança, sistemas essenciais, infraestrutura, população e mecanismos de combate. Desta forma, quanto mais no centro se atingir, maior será a reverberação ao ataque, particularmente nos círculos externos ao círculo onde ele ocorra (KORYBKO, 2015, p.22-25).

A Teoria do Caos, surgida em 1992 a partir do trabalho “*Chaos Theory and Strategic Thought*” de Steve Mann, define caos como uma dinâmica não linear, onde sistemas com grande número de partes móveis, como sociedades ou conflitos, poderiam ser atingidos por uma dinâmica caótica controlada, a fim de interromper o ciclo de Boyd⁶ do adversário e torna-lo meramente reativo. A Teoria do Caos pode ser utilizada em prol de estratégias de interesse. Sua aplicação depende de um profundo conhecimento sobre o ambiente. As variáveis principais são: o formato inicial e a estrutura subjacente do sistema onde se deseja aplicar a teoria; a coesão entre os diferentes atores do sistema; e a disposição de cada ator para tomar parte no movimento fomentado pela Teoria do Caos (“energia de conflito”).

O autor argumenta que, após o conflito ocorrido na Líbia em 2011, os EUA teriam deixado de aplicar o poder militar de forma unilateral, dependendo de parceiros para tal. A partir de então, segundo ele, os EUA teriam adotado a postura “*Leading from Behind*”, onde as suas ações militares passaram a depender de coalizões internacionais e do uso de terceiros como pontos de apoio para a chamada “guerra por procuração”⁷. Esse momento, ainda segundo o autor, marcaria o fim do mundo unipolar, onde predominou a hegemonia dos EUA, com o retorno à multipolaridade (KORYBKO, 2015, p.30-32).

Além das teorias militares apresentadas, um conceito explorado por Andrew Korybko é o de Dominância de Espectro Total. Segundo ele, o Departamento de Defesa dos EUA teria publicado, em 2000, um documento chamado “*Joint Vision 2020*”, onde fora estabelecida a meta de atingir a dominância de espectro total até o ano de 2020, sendo persuasivo na paz, decisivo na guerra e preeminente em qualquer forma de conflito. A dominância deveria ocorrer em várias áreas, como a esfera convencional militar, a área de armamento nuclear, a retórica de direitos humanos, normas, geopolítica, espaço e comunicações. De forma generalizada, seria empregar tudo o que fosse possível como arma ou que faça sentido no campo de batalha (KORYBKO, 2015, p.34).

⁶ Também conhecido como Ciclo OODA ou Ciclo de Decisão, onde as ações são desenvolvidas na sequência: observação, orientação, decisão e ação, de forma cíclica (BRASIL, 2020). Portanto, ter seu ciclo OODA interrompido trará prejuízos significativos ao processo decisório, podendo até impedir que decisões sejam tomadas.

⁷ Também conhecidas como “Guerras *Proxy*”, esse tipo de ação se baseia em utilizar líderes / aliados regionais como “procuradores” (“*proxies*”) para alcançar os objetivos políticos e estratégicos por meio de medidas assimétricas de Guerra de 4ª Geração (KORYBKO, 2015, p.30).

Aplicabilidade de Teorias Geopolíticas e Militares na Guerra Híbrida

Antes de tudo, é imprescindível ter a noção de que as ideias de Korybko representam apenas uma, dentre várias formas, de executar a Guerra Híbrida, conforme a sua visão e os conceitos apresentados por ele. Desta forma, suas ideias não representam uma visão universal, mas parcela do que pode ser executado com as ferramentas disponíveis para a Guerra Híbrida. A seguir, teremos um resumo da concepção de emprego desses conceitos por parte do autor.

Korybko expressa claramente que o emprego das teorias geopolíticas e militares aqui apresentadas se presta para ações voltadas à queda de regimes políticos em Estados-alvo. Identificando-se as áreas *Shatterbelt* na periferia de um Estado-alvo por meio do estudo dos aspectos sociais, religiosos, culturais, econômicos, históricos e geográficos, seria possível utilizar o Prometeísmo para desestabilizar essa periferia e, indiretamente, atingir o Estado central, alvo primário da Guerra Híbrida. Esse Estado seria atingido primeiramente por uma Revolução Colorida, forjada pelo Estado atacante de forma velada, para ocasionar a queda do governo. Caso essa revolução não seja suficiente para derrubar o governo, dentro de uma janela temporal estimada ou critérios pré-estabelecidos pelo planejador das ações, ela seria seguida de ações de guerra irregular, para empregar violência e forçar a queda do regime.

A Guerra de 4ª Geração, com suas características de fluidez, descentralização e assimetria, pode ser utilizada para o preparo da revolução, contribuindo para moldar o ambiente, atrair simpatizantes, minar o apoio ao governo que se quer atingir e cooptar participantes. Já durante a guerra não convencional, poderá contribuir com o uso extensivo de propaganda, para fazer o movimento parecer maior do que é.

Na Guerra Híbrida, a teoria dos Cinco Anéis deve ser desdobrada em dois anéis diferentes, onde o primeiro considera a sociedade-alvo, enquanto o segundo considera indivíduos-alvo. A escolha dos círculos que comporão cada anel irá depender das características da sociedade e dos indivíduos. Por exemplo, um círculo para sociedade-alvo poderá partir da liderança, no centro, seguindo por forças armadas / policiais; elite nacional; mídia internacional e população. Já os círculos para indivíduos-alvo podem partir da família, no centro, passando por trabalho; vizinhança, religião e país, na orla externa.

A Teoria do Caos busca tornar reativo o governo-alvo. Para tal, após criterioso estudo da sociedade-alvo e de uma descrição precisa do ambiente, serão disseminadas uma ou mais ideologias, que agem como “vírus sociais”, alterando a percepção política dos indivíduos e fazendo com que eles, espontaneamente, divulguem a nova percepção. Os vírus sociais são desenhados para corromperem a sociedade-alvo, levando a movimentos sociais contrários ao *status quo* e que busquem, em um propósito amplo, derrubar todo o sistema social vigente. Isso gera uma percepção da necessidade de “reiniciar o sistema” devido ao caos que passa a existir, podendo ocasionar repressão por parte das forças de segurança. Essa repressão pode ou não conter os movimentos sociais contra o governo. Caso tenham sucesso em contê-lo, o movimento passa à guerra não convencional, podendo mesmo assumir a forma de insurreição armada.

O formato *Leading from Behind* permite empregar Estados vizinhos ao Estado-alvo como *proxy* para a Revolução. Eles podem ser utilizados como base para produzir a revolução no Estado vizinho, como ponto de apoio logístico ou como elemento de pressão internacional e intimidador ao Estado-alvo. Tudo isso se torna possível sem que o Estado que realiza a Guerra Híbrida apareça claramente como causador das ações.

A Dominância de Espectro Total incluiria ações desde o tempo de paz, passando pelos de crise, até os de conflito. Ela implica em robusta estrutura de inteligência, que é a base de

todo o planejamento. Implica também em ações de *Soft Power* e de *Hard Power*⁸, como fortalecimento cultural, busca de domínio tecnológico, estabelecimento de uma base industrial de defesa sólida e de poder militar com credibilidade. Em seu escopo, ela poderiam incluir o emprego de Organizações Não-Governamentais (ONG) e de instituições e pesquisa, mantidas por financiamento externo, como organizações de fachada, por exemplo.

Revoluções, Guerra Não Convencional e suas correlações com a Guerra Híbrida

Conforme definido por Korybko, as denominadas Revoluções Coloridas são movimentos construídos para parecerem legítimos, que buscam a dominância social. Atingir esse propósito intangível depende de cuidadosa preparação, assim como da criação de um “evento” que sirva como estopim para a revolução (KORYBKO, 2015, p.35).

Como exemplos de revoluções coloridas, o autor menciona aquelas ocorridas na ex-Yugoslávia (2000), na Geórgia (2003), na Ucrânia (2004), no Líbano (2005), no Quirguistão (2005) e na Líbia (2011), dentre outras. Todas elas tinham o propósito de mudança no *status quo* local.

A produção das Revoluções Coloridas depende da seleção dos alvos mediante estudo prévio do ambiente. Esses alvos podem ser coletivos ou individuais. Depende também do estabelecimento de infraestruturas, subdivididas em seis tipos: ideológica, finanças, social, treinamento, informação e mídia (KORYBKO, 2015, p.96-109).

A estrutura ideológica desenvolve a ideia que guiará e motivará todos os demais fatores envolvidos na revolução.

As finanças terão origem estrangeira nos momentos iniciais. Porém, após o devido treinamento da estrutura social, deverá ser capaz de ocorrer exclusivamente no interior do Estado-alvo, por meio de autofinanciamento. Isso dificulta que se encontre a origem dos patrocinadores da revolução, assim como impede que a eventual interrupção do fluxo de dinheiro venha a paralisar o movimento.

A estrutura social envolve as pessoas que participarão do movimento. Subdivide-se em elite, soldados (ou trabalhadores) e simpatizantes. Em linhas gerais, a elite é composta pelos líderes do movimento. Eles não aparecem claramente no escopo do movimento e podem prover treinamento para os soldados. São extremamente fiéis à causa e planejam as ações. Já os soldados, ou trabalhadores, são aqueles que fazem a ponte entre o movimento e a população. São eles que executam as ações em campo. Ainda não demonstraram toda a fidelidade à causa para se tornarem elite, mas buscam entrar para esse grupo. Para tal, estão dispostos a se expor a prisões ou outros perigos, cumprindo missões mais arriscadas em prol do movimento, para provar sua lealdade. Os simpatizantes são os cidadãos comuns, que podem se envolver no movimento de forma voluntária e inocente, por haver se identificado com os propósitos apresentados pela propaganda.

A estrutura de treinamento pode desenvolver treinamento presencialmente ou à distância, e podem ocorrer dentro do Estado-alvo ou no estrangeiro. Segundo o autor, a elite pode viajar ao estrangeiro para receber treinamento, voltando ao Estado-alvo para treinar os soldados. O treinamento inclui técnicas para gerar o autofinanciamento do movimento, de forma a cortar a dependência de capital estrangeiro e, assim, angariar maior legitimidade às ações.

⁸ Para este trabalho, *Soft Power* e *Hard Power* (“Poder Suave” e “Poder Duro” - traduções nossas) são, respectivamente, formas de emprego de diversas ferramentas à disposição do Estado para exercer poder e atingir seus objetivos. O *Soft Power* inclui, por exemplo, a diplomacia, o apoio econômico e a influência cultural, criando atração e persuasão. O *Hard Power* inclui, por exemplo, o uso do poder militar e do poder econômico, de forma coercitiva, criando imposição (NYE, 2011, pos.146).

A estrutura de informação será responsável por recrutamento de novos membros e pela disseminação ideológica, contando com o uso de mídias sociais e com material de propaganda.

A estrutura de mídia busca solidificar a percepção do movimento junto à sociedade-alvo. Além disso, busca atingir audiência internacional para as causas do movimento, permitindo que outros Estados venham a se posicionar quanto ao movimento revolucionário. Esse tipo de audiência serve, inclusive, de motivador para que a opinião pública internacional pressione seus governos a intervirem. Ela também serve como elemento de pressão contra os políticos locais, que são praticamente obrigados a se posicionarem, expondo-se. Essa estrutura pode fazer uso da mídia tradicional ou da mídia social, aumentando a capilaridade ideológica do movimento pela sociedade.

Para infectar as massas e causar a revolução, podem ser utilizados os conceitos de Guerra Neocortical Reversa, a Guerra Centrada em Redes e a Guerra de Redes Sociais.

A Guerra Neocortical Reversa foi desenvolvida a partir das ideias de Richard Szafranki, onde se busca moldar ou controlar o comportamento de um organismo, sem destruí-lo. Isso seria feito por meio de influência, regulando a consciência, as percepções e a vontade de liderança do adversário (seu sistema neocortical). Em linhas gerais, é fazer com que o adversário decida ou escolha aquilo que desejamos, sem que ele tenha consciência disso. Quando se usa essa técnica para manipular um grupo, e não o indivíduo, temos a Guerra Neocortical Reversa. Portanto, o propósito da Guerra Neocortical Reversa é atingir o “cérebro coletivo” da população, e não sua liderança, e influenciá-la indiretamente para se agitar e derrubar o governo (KORYBKO, 2015, p.43-44).

A teoria da Guerra Centrada em Redes diz que uma rede é composta por nós, por grades de sensores, por grades de engajamentos e por um *backplane*, que serve para integrar componentes da rede. Na Guerra Híbrida, os nós seriam os indivíduos participantes; as grades de sensores seriam os pontos de contato inicial; as grades de engajamento seriam as redes sociais; e o *backplane* seria a campanha de informação, realizada a partir do estrangeiro, usando os conceitos de propaganda e de guerra neocortical reversa. As redes poderiam ter configuração de rede em cadeia (linear), em estrela ou multicanal, cada uma com sua finalidade específica. Essa teoria também diz que a força de uma rede é proporcional ao quadrado do número de nós que ela possui. Portanto, quanto maior a rede, mais difícil será neutralizá-la.

A Guerra de Redes Sociais é um conceito que foi abordado pela RAND Corporation em 1996 e 2001. Ela possui a característica de cruzar as fronteiras formais e desafiar as distinções entre Estado e sociedade; público e privado; guerra e paz; guerra e crime; civil e militar; legal e ilegal. Pode confundir crenças fundamentais do povo sobre a natureza de sua cultura, sociedade e governo. Seu uso pode fomentar o medo, desorientar as pessoas e desequilibrar suas percepções. Ela faz uso de conceitos da teoria de Guerra Centrada em Redes para penetrar uma sociedade-alvo e criar sua própria rede de participantes, seja virtualmente, por meio das redes sociais, ou fisicamente, por meio de uma ONG, por exemplo. Utiliza-se das diferentes configurações de redes (cadeia, estrela, multicanal). Quanto mais complexo for o modelo de rede estabelecido, mais difícil será se opor a ele. Quanto maior for o número de nós, mais favorável será gerar ímpeto para o movimento.

Alguns programas de computador e aplicativos de celulares e *tablets* são passíveis de serem utilizados na Guerra de Redes Sociais. Aplicativos como o Facebook, onde o usuário expõe dados sobre sua vida, sua rotina, gostos e interesses, servem como fonte gratuita de informações pessoais, oferecendo involuntariamente o perfil psicológico daquele usuário na internet. Esses aplicativos podem rastrear, armazenar e categorizar preferências e gostos. Podem ser utilizados para gerenciar as percepções dos usuários, para engenharia social, em operações psicológicas, em operações de influência e para organizar protestos. A Guerra Neocortical Reversa pode ser empregada, por meio desse tipo de aplicativo, para moldar a consciência co-

letiva, influenciando o posicionamento político de uma sociedade. Em um sentido amplo, pode ser utilizado para moldar uma “hive mind⁹” e utilizar as pessoas, como “enxames”, contra alvos selecionados, de forma caótica, interrompendo o ciclo OODA do governo-alvo e o levando ao colapso (KORYBKO, 2015, p.51-53).

Aplicativos como o *Facebook* também podem ser utilizados como portal de entrada para o movimento, para recrutamento, para propaganda e para reuniões virtuais por meio de grupos fechados. Aplicativos de mapas, como *Google Maps*, *Google Earth* e outros, podem ser usados para planejar rotas de protestos, para identificar áreas públicas de interesse, para planejamento de ataques ou de rotas de escape. Aplicativos de conversação tipo *WhatsApp*, *Twitter* e *Telegram*, podem ser usados transmitir informações rapidamente, com fotos, imagens e vídeos praticamente em tempo real. Plataformas de vídeos, como *YouTube*, servem para divulgar vídeos favoráveis ao movimento. Seu conteúdo pode ser potencializado por meio dos aplicativos tipo *Facebook* e *Twitter*, por meio do uso de marcações “hashtags”. As plataformas de vídeo contribuem para viralizar a revolução, oferecendo exposição mundial e aumentando, assim, as chances de conseguir apoio internacional.

Já a guerra não convencional pode ser definida como “atividades conduzidas para permitir um movimento de resistência para coagir, romper ou derrubar um governo ou poder ocupante, por meio de operações de / com forças subterrâneas, auxiliares e de guerrilha em uma área negada” (KORYBKO, 2015, p.67). Ela surgiria como a continuidade de um conflito já existente na sociedade, materializada pela revolução colorida. Uma de suas características é a assimetria, por meio de guerrilha, insurgência, atos de sabotagem e de terrorismo. Ela pode incluir tanto combatentes não convencionais (mercenários e atores não estatais) quanto forças especiais. Serve como multiplicador de forças e é empregada caso a revolução fracasse. Visa degradar o aparato de segurança estatal e “libertar” a população de um “governo opressor”.

Possíveis Ações contra a Guerra Híbrida

O autor menciona algumas ações possíveis para se prevenir quanto ao modelo de emprego de Guerra Híbrida ora apresentado. A primeira delas é fortalecer o nacionalismo, fazendo com que o cidadão se sinta parte de algo maior do que ele e importante. Esse alguém seria o governo. Outra ação seria promover ideais patrióticos, desenvolvendo uma *hive mind* pró-governo. Estimular ideologias inclusivas permitiria mitigar as fraturas sociais, agregando a sociedade. Encorajar a nacionalização de mídias sociais e o estabelecimento de internets nacionais permitiria reforçar a identidade civilizacional do Estado e reduzir a influência direta de subversivos estrangeiros. Além disso, ações estratégicas governamentais que possam levar o Estado a se desenvolver, ou que eventualmente ameacem os interesses de outras potências, poderão se tornar alvos de Guerra Híbrida e, portanto, deverão receber atenção e proteção especiais.

Considerações Finais

Apesar de suas origens na antiguidade, a Guerra Híbrida é uma realidade e não conhecê-la nos condena a adotarmos uma postura eternamente reativa. A falta de um consenso sobre sua definição e sobre sua forma de emprego torna um desafio identificar os diferentes pa-

⁹ “Mente de colmeia” (tradução nossa): quantidade relevante de pessoas que são levadas indiretamente a compartilhar de um mesmo sentimento (no caso em tela, sentimento anti-governo). Essas pessoas devem ser “programadas”, via guerra neocortical reversa, para querer agir para derrubar o governo no momento em que a decisão de iniciar a Revolução Colorida é tomada (KORYBKO, 2015, p.53).

drões de emprego das ações híbridas, assim como sua origem. Portanto, desconhecer o conceito de emprego sistêmico das ameaças híbridas dificultará, também, a defesa contra suas ações. Isso indica que é necessário estudar a forma de emprego sistematizado das ameaças híbridas, aqui denominada Guerra Híbrida, e não as ameaças híbridas isoladamente.

A Rússia possui um entendimento próprio sobre o conceito de Guerra Híbrida, apresentado por Korybko. A partir de estudos de caso e de fundamento teórico, ele defende que a Guerra Híbrida, realizada pelo Ocidente, teria o propósito de derrubar regimes políticos, utilizando-se, para tal, de uma primeira fase, a Revolução Colorida, e de uma segunda fase, caso fosse necessária, onde ocorrem ações de guerra não convencional.

Segundo a argumentação de Korybko, as regiões onde existam tensões naturais, identificadas geopoliticamente como *Shatterbelts*, podem ser exploradas, com base na teoria do Prometeísmo, para gerar instabilidade e dificuldades ao regime-alvo. O emprego de ações baseadas nas teorias de Guerra de 4^a Geração, Teoria dos Cinco Anéis e Teoria do Caos, nesse tipo de região, permitiria fragmentar uma sociedade e prejudicar o processo decisório do governo-alvo, por meio de uma dinâmica não linear de acontecimentos inesperados (“caos”).

A internet e as redes sociais são recursos pelos quais a Guerra Híbrida pode romper fronteiras e atuar diretamente sobre as populações do Estado-alvo. Aplicativos como o *Facebook*, por exemplo, podem ser usados para fomentar uma mentalidade coletivamente alinhada, que pode ser explorada para gerar movimentos sociais “espontâneos” e “legítimos”, sem que os envolvidos percebam que são vítimas de manipulação. Também podem ser utilizados para coletar dados sobre o perfil psicológico dos usuários, dentre outros recursos, mostrando-se ferramentas poderosas no contexto da Guerra Híbrida.

Korybko também mostra que organizações que possuam aparente legitimidade e honestidade de propósito, como ONG e instituições de pesquisa, podem ser ferramentas de Guerra Híbrida.

Portanto, apesar do artigo apresentar apenas uma forma de como a Guerra Híbrida pode ocorrer, há bibliografia sobre o tema que apresenta outros formatos para seu emprego, sob outros pontos de vista. Cabe entender o fenômeno e buscarmos uma definição brasileira para essa ameaça, assim como possíveis métodos de defesa contra ele.

Cabe pensarmos sobre o papel da internet no Brasil; sobre a existência – ou não – de *shatterbelts* em nosso território; sobre nossas vulnerabilidades enquanto Estado; assim como nos questionarmos se nossa estrutura de Defesa está preparada, e adequada, para que possamos fazer frente à ameaça da Guerra Híbrida. Só assim poderemos identificar alvos potenciais no Brasil, assim como em Estados de nosso Entorno Estratégico, e seremos capazes de planejar formas eficientes para impedir ou neutralizar as ações de Guerra Híbrida contra os interesses nacionais.

Referências

COHEN, Saul. **Geopolitics. The Geography of International Relations**. Lanham: Rowman & Littlefield, 2015. 907p.

BARTLES, Charles. **Para entender Gerasimov**. *Military Review*, Março-Abril 2016, p. 46-54. Disponível em < https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/Portuguese/MilitaryReview_20160430_art010POR.pdf > Acesso em 18 Abr. 2023.

BRASIL. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. **Manual Básico dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais**. 1^a Ed. Rio de Janeiro. 2020.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Glossário das Forças Armadas**. 5ª Ed. Brasília, 2017 (última modificação). Disponível em <<https://www.gov.br/defesa/pt-br/arquivos/legislacao/emcfa/publicacoes/doutrina/md35-G-01-glossario-das-forcas-armadas-5-ed-2015-com-alteracoes.pdf/@@download/file>> Acesso em 19 Abr. 2023.

GERASIMOV, Valery. **O valor da ciência está na previsão**. Military Review, Março-Abril 2016, p. 38-45. Disponível em <https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/Portuguese/MilitaryReview_20160430_art009POR.pdf> Acesso em 18 Abr. 2023.

HOFFMAN, Frank. **Conflict in the 21st century: the rise of Hybrid Wars**. Potomac Institute for Policy Studies. Dez. 2007. Disponível em <https://www.potomac institute.org/images/stories/publications/potomac_hybridwar_0108.pdf> Acesso em 18 Abr. 2023.

KORYBKO, Andrew. **Hybrid Wars: The Indirect Adaptative Approach to Regime Change**. Moscou: People's Friendship University of Russia, 2015. 174p.

MACKINDER, Halford. **Democratic Ideals and Reality**. London, Constable Publishers, 1942. 205p.

NORTH ATLANTIC TREATY ORGANIZATION. **Hybrid Warfare – New Threats, Complexity and ‘Trust’ as the antidot**. 30 Nov. 2021. Disponível em <<https://www.nato.int/docu/review/articles/2021/11/30/hybrid-warfare-new-threats-complexity-and-trust-as-the-antidote/index.html>> Acesso em 18 Abr. 2023.

NYE, Joseph S. Jr. **The future of Power**. New York: PublicAffairs, 2011. 303p. Ebook. ISBN 978-1-58648-892-5